

**PABLO NERUDA: O INTELLECTUAL DIANTE DO PODER**Inês Skrepetz<sup>1</sup>

*Neruda por Skármeta: (...) Não sei se foi um grande amante, mas sua poesia fez os casais se amarem. Não sei se foi um grande político, mas semeou sua palavra em tempos de conflito e com ela animou a esperança em luminosas cidades de justiça.*  
(SKÁRMETA, 2005, p.11)

RESUMO: O presente artigo procura analisar o conceito de resistência em duas obras de Pablo Neruda: *España em el corazón*, escrita durante a guerra civil espanhola e *Incitação ao nixoncídio e louvor da revolução chilena*, escrita no período próximo ao do golpe militar no Chile. Segundo Bosi (2002a) a resistência possui muitas faces e mostra um rosto diferente em cada realidade – e ao mesmo tempo de cada uma dessas faces se dá a conhecer, ela possui também o seu olhar próprio, construído. Não há como resistir sem ver o que se quer ver; por isso Neruda lutou por meio de uma faceta poética resistente, e com um olhar crítico perante o poder. Portanto, torna-se necessário acompanhar a trajetória poética, intelectual e resistente de Neruda, numa perspectiva humana e social, cuja profundidade ética e literária torna consistente a formulação de um conceito de resistência em sua obra.

Palavras-Chave: Pablo Neruda – Intelectual e Poder - Resistência

Em todas as épocas tivemos personalidades que gravaram seus pensamentos nas paredes da História, ou melhor, seres humanos inconformados perante uma realidade que os vestia com um manto nada acalentador. Por isso se despiam dela e, desnudos de qualquer veste “modeladora”, iam para o campo de batalha somente com a espada e o escudo criados por seus ideais. Podemos, então, chamar estas armas de Poesia, Filosofia....indignação perante uma marcha controlada por um poder condicionante, sem canalizadores para a maior razão da vida: a ***Liberdade***.

Porém, não há como sermos apenas historiadores didáticos que mostram a vida através de painéis históricos sobre o que aconteceu em uma determinada época, tempo ou espaço. Precisamos ir além; como num jogo de espelhos, vemos ainda o passado refletindo em nosso presente, ou melhor, a batalha ainda não acabou e não podemos ficar imóveis como prisioneiros em um campo de concentração. É necessário que

---

<sup>1</sup> Professora Especialista em Língua Espanhola e Literaturas; pesquisadora do Grupo GENTE (FAFIUV).

rompamos as cercas de arame feitas de medo e comodidade. Portanto, é aqui que entra em cena a arte das palavras, não como um conforto espiritual, mas como uma provocação....um grito inquietante que nos repele para uma atitude.

Já que estamos falando em épocas, ocasiões em que se vive ou acontece algo, nada mais instigador do que falar de nossa época, do momento em que estamos vivendo e, por tantas vezes, nos omitindo. Pior ainda, amordaçamos os lábios de grandes pensadores que não se dobraram diante dos acontecimentos desumanos. E como fazemos isso?... Simplesmente perdendo a memória, esquecemos que a vida é um contínuo movimento e não uma trava letárgica com sombras criadas pela própria consciência adormecida, como nas palavras do indomável poeta Neruda: “O poeta nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua própria época”. (1983, p.7). Aqui, Neruda usa maravilhosamente bem a palavra “sacudidos”, agitados, movimentados por um espírito incômodo de tal forma que a letargia conveniente se rompe e faz jorrar milhares de perguntas e uma delas é: por que o silêncio dos intelectuais?

Mas, antes de prosseguir neste questionamento, vamos trazer para esta arena de conflitos uma definição mais precisa sobre “quem é um intelectual?”. Quem teve a perspicácia profunda para defini-lo foi o estudioso Aduino Novaes (2005). Ele coloca que o intelectual não é essencialmente o homem das letras, o artista, o historiador, o escultor, o sábio, etc: em outras palavras, seria necessário refletir sobre a definição de Maurice Blanchot, na qual o intelectual é “uma parte de nós mesmos que não apenas nos desvia momentaneamente de nossa tarefa mas que nos conduz ao que se faz no mundo para julgar e apreciar o que se faz” (*apud* NOVAES, 2005, p.5). Novaes prossegue na definição de que para transformar-se em intelectual é essencial que haja um desdobramento, um acúmulo momentâneo em si mesmo para outras funções, marginalizando um pouco os saberes particulares para que o trabalho da crítica e a luta pelos ideais universalizantes como a razão, a justiça, a liberdade e a felicidade recebam um olhar mais profundo e uma dedicação maior. Como o próprio Neruda escreve em *Confesso que vivi*: “Talvez não tenha vivido em mim mesmo, talvez tenha vivido a vida dos outros” (1983, p.3). Neste sentido, o intelectual se caracteriza pela mudança de

trajeto em relação a todo determinismo e começa a labutar com potências indeterminadas; “Ele não é um teórico, muito menos um homem da vida prática e do saber objetivo: pode-se dizer, mais precisamente, que ele encarna o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro” (NOVAES, 2005, p.3).

E para aguçar o sentido crítico e humano desta nossa análise, retornamos ao nosso questionamento: *por que o silêncio dos intelectuais?* Será que a tristeza, a decepção, o desencanto tomaram conta? Onde está a força retirada da definição dada, por Novaes, para o intelectual em que ele reconstrói o passado e constrói idealmente o futuro? Portanto, esta mudez, esta letargia não está contribuindo até mesmo para silenciar a voz de quem não se calou em sua época? Conseqüentemente, as mordanças estão tanto para o presente quanto para o passado? É neste ponto que devemos refletir mais perspicazmente - o fato de se deixar ouvir as “vozes do passado” talvez seja uma forma de despertar a atualidade. Então surge outro questionamento: se o intelectual não é essencialmente um artista, o que tem a ver o intelectual com a arte?



*Neruda na solidão da Grande Muralha da China*

A arte é mais que expressão, ela é uma doação. O artista se doa através de sua arte. Assim como o intelectual, que se envolve com ideais universalizantes, não há

como fechar-se em si mesmo, pois tanto a arte, o pensamento filosófico, a política, etc. desembocarão no mesmo oceano que é a própria vida do ser humano. E envolvidos neste cataclismo de reflexões sobre o intelectual e sua encarnação de ideais universais, é interessante lembrar de uma entrevista realizada por Clarice Lispector a Pablo Neruda, numa de suas vindas ao Brasil, em que ela pergunta como é que ele descrevia um ser humano o mais completo possível, e então ele respondeu: “Político. Poético. Físico” (2007, p.72).

Esta resposta de Neruda não significa necessariamente que todos os seres humanos devem se envolver num partido político, escrever versos como um poeta ou coisa parecida. Mas sim, que ser político, poético e físico é imanente ao ser humano. Novaes aprofunda novamente a discussão sobre como se constrói um intelectual quando afirma:

O intelectual seria, enfim, aquele que tenta infatigavelmente construir a si mesmo e a todas as coisas através de atos articulados do espírito. Mais: por encarnar os ideais universais, procura reunir em si o que está disperso, “dispersão e junção, essa seria a respiração do espírito, o duplo movimento que não se unifica, mas que a inteligência tende a estabilizar para evitar a vertigem de um aprofundamento sem fim”. O intelectual seria, pois, um matemático que trabalha com símbolos e os combina com certa coerência sem nenhuma relação com o real. Assim, ele está, como lembra Blanchot, tanto mais próximo da ação e do poder quanto mais ele não se mistura com a ação e com o poder político estabelecido. Ao mesmo tempo ele não pode ser desinteressado da política: “afastado da política, não sai dela, mas tenta manter este espaço de afastamento, e esse esforço de retirada para aproveitar essa proximidade que o distancia a fim de se instalar nela (instalação precária) como um guardião que está lá apenas para velar, manter-se alerta, por uma atenção ativa onde se exprime menos o cuidado de si do que o cuidado dos outros” (NOVAES, 2005, p.5-6).

Como já comentamos nos parágrafos anteriores, todos os seres humanos não necessitam, essencialmente, serem poetas que rabiscam versos ou políticos que fazem parte de um partido, até porque Novaes também deixa bem claro que o fato de alguns serem artistas ou políticos não os torna intelectuais. Acreditamos que um destes adjetivos (“político”) dos quais Neruda fala é, justamente, aquilo que Novaes (2005, p.6) coloca na citação anterior, que ser um intelectual é ser um consciente, é “manter-se alerta”, instalar-se nela, a política, “como um guardião que está lá apenas para velar”. Só que entre estas colocações, surge outro questionamento: mas Neruda não fazia parte de um partido, o comunista, chegou a ser senador e quase concorreu à presidência do

Chile? Neruda se engajou politicamente, mas não como um almerador de poder dominante, mas via no comunismo o caminho para a concretização de seus ideais. Aqueles ideais universalizantes que já comentados, tais como a razão, justiça, liberdade e felicidade.

Assim como as experiências de Neruda, na infância, sobre trens, navios, o oceano, a natureza fecunda nos bosques do Chile, enfim, os seus primeiros amores....assim também, a guerra entrou em sua vida! E é possível perceber o reflexo desta experiência, ainda mais profundamente, em duas de suas obras em que esta tensão se faz com maior presença: *España en el corazón*, escrita em meados da década de 30, e *Iniciação ao nixoncídio e louvor da revolução chilena*, do início da década de 70. Neste sentido, mais tarde, em seu livro de memórias *Confesso que vivi*, Neruda lembra da época em que escreveu *España en el corazón* e sobre a experiência que teve durante a guerra civil na Espanha, vivendo lá ainda como um jovem cônsul chileno, e relata que:

Desde aquela época e com intermitências se infiltrou a política em minha poesia e em minha vida. Não era possível fechar-me em meus poemas, assim como não era possível tampouco fechar a porta ao amor, à vida, à alegria ou à tristeza em meu coração de jovem poeta (1983, p.57).

Prosseguindo, podemos dizer que “experiência” é tudo o que passa por nossa vida e nos penetra, sentimos e vivenciamos com todos os nossos sentidos e intelecto, assim, a guerra não apenas passou diante dos olhos de Neruda, mas o violentou, deixando marcas e cicatrizes irrevogáveis no poeta. Portanto, parafraseando Neruda (1980), a poesia é uma insurreição, é uma revolta consciente e indignada perante o poder que lhe é apresentado em forma de domínio e opressão. Assim sendo, este mesmo ser humano poético, político, físico, este intelectual que não se fechou num gabinete para “deduzir” em seu tratado filosófico o que é a vida, mas que saiu para penetrar o mundo, permitindo que o mundo também penetrasse nele, tornou-se um pensador ativo que, ao reconstruir o passado, foi capaz de idealizar o futuro. E esta prova podemos encontrar em sua obra *Para nascer nasci*, em que o poeta escreve:

Porém a vida e os livros, as viagens e a guerra, a bondade e a crueldade, a amizade e a ameaça, fizeram mudar cem vezes o traje de minha poesia. Coube-me viver em todas as distâncias e em todos os climas, coube-me padecer e amar como um homem qualquer de nosso tempo, amar e defender

causas profundas, padecer os pesares meus e a condição humilhada dos povos (1980, p. 335).

Neste sentido, não podemos perder de foco o nosso objetivo que é pensar Neruda como um intelectual diante do poder e, ao mesmo tempo, nos questionarmos sobre a sua voz em nossa atualidade. Mas como? Pensamos que, ao resgatarmos a sua poesia e sua luta, possamos quebrar, nem que seja um pouco, a letargia em que nos encontramos. Até porque nossa intenção não é condenar a situação dos intelectuais, mas sim, através da arte - propriamente a poesia-, provocar, instigar o que chamamos de realidade. Não sabemos se caberia bem o termo “ressuscitar Neruda” para o nosso contexto, pois acreditamos que tirar as mordanças de seus lábios, para que sua voz se propague, seria mais interessante. E quem colocou as mordanças nele e em outros pensadores revolucionários? Deduzimos que foi nossa própria comodidade, exemplificada claramente pelo velho chavão popular: “não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe”. É muito mais fácil apagar as luzes e adormecer! Neste seguimento, a poesia possui uma força inexplicável, ela realmente “sacode com fogo” qualquer época.



*Neruda em ação, numa transmissão de rádio*

Na obra de Alfredo Bosi *Literatura e Resistência*, o autor e professor de literatura coloca que “resistência” é um conceito que vem da ética e não da estética, e ele ainda aprofunda explicando que:

O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é des/sistir. A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primeiramente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. (BOSI, 2002a, p.118)

Se partirmos do cognato mais próximo da palavra resistir que é insistir, vamos poder encontrar este verbo no espírito da poesia de Neruda. Mas como? Neruda não só viu a Guerra Civil Espanhola passar diante dos seus olhos; ele foi mais que testemunha ocular das atrocidades, até mesmo colaborou para refugiar alguns republicanos, usando de sua presença política como cônsul do Chile na Espanha, para fazê-los atravessar a fronteira até a França. Reuniu-se com intelectuais, poetas, escritores, artistas para que, depois de terem evidenciado uma atitude de indignação, que também mostrassem resistência perante as barbáries cometidas, não com o poder dominante, mas com a vítima de sempre: o povo inocente. E quando retomamos a palavra “insistir” é para fazer um salto da Guerra Civil Espanhola para a Revolução Chilena<sup>2</sup>, em que o mesmo intelectual-poeta que se indignou e utilizou-se da poesia para resistir perante os atos desumanos do poder na Espanha, veio pelos trilhos da história insistindo/resistindo até desembocar na Revolução Chilena com o mesmo, ou até mais fecundo, espírito revolucionário contra a ideologia dominante que explora e oprime. E é nesta reflexão que se faz necessário dar um bom tom à voz de Bosi (2002b, p.167) quando ele se refere à ideologia dominante em sua obra *O ser e o tempo da poesia*:

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia).

---

<sup>2</sup> Utilizamos aqui a denominação “Revolução Chilena” na acepção de Neruda, segundo o qual o termo correspondia ao movimento de mudanças sociais e políticas no país empreendidos pelo governo socialista de Salvador Allende.

E esta resistência de várias faces mostra um rosto diferente para cada realidade. Ou melhor, cada face se dá a conhecer e ao mesmo tempo possui um olhar, não há como resistir sem ver o que se quer ver. Por isso, Neruda não entrou na Revolução Chilena apenas como um “rosto sisudo” e sim com uma face política resistente e com um olhar crítico perante o poder, assim como ele mesmo escreve em sua obra *Incitação ao nixoncídio*, com o seu poema “Eu não me calo”:

Perdoe o cidadão esperançado  
Minha lembrança de ações miseráveis,  
Que levantam os homens do passado.  
Eu preconizo um amor inexorável.  
E não me importa pessoa nem cão:  
Só o povo me é considerável,  
Só a pátria é minha condição.  
Povo e pátria manejam meu cuidado,  
Pátria e povo destinam meus deveres  
E se logram matar o revoltado  
Pelo povo, é minha Pátria quem morre.  
É esse meu temor e minha agonia.  
Por isso no combate ninguém espere  
Que se quede sem voz minha poesia.  
(Neruda, 1980, p.114)

Refletindo nos versos desta poesia, percebemos que os últimos ressaltam com mais agudeza de espírito, próprio de um poeta e intelectual que não teme lançar este olhar crítico, perante o que chamamos até aqui de “poder”, principalmente quando ele expõe que: “por isso no combate ninguém espere / que se quede sem voz minha poesia”. E é assim como, instigantemente, Bosi coloca: “E quero ver em toda grande poesia moderna, a partir do Pré-romantismo, uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes” (2002b, p.167).

Já que, muitas vezes, ouvimos falar por aí que “a cada dia muitos estão com a memória cada vez mais curta”, é de extrema importância lembrar de grandes

personalidades - intelectuais, artistas, filósofos, etc. - para que a atualidade não pense que a sociedade, a vida, o ser humano, os ideais já estão prontos e já foram todos alcançados. Não podemos apenas nos lamentar ou pensar que a poesia/utopia, os ideais, são apenas palavras adormecidas em livros de teorias ou simplesmente discutidos em ciclos de conferências, é necessário encarná-las!

Vivemos hoje no meio de um turbilhão de palavras que constroem frases, depois se transformam em discursos e, tantas vezes, lamentavelmente formam um desvairado ser humano sem memória do passado, sem consciência do presente e sem ideais para o futuro. É necessário rompermos esta ostra que nos mantém num calor cômodo e letárgico, e eis então...que entra a poesia nos lábios de um poeta, ou em livros que desejam ardentemente serem lidos, pois o intelectual unido à arte se torna mais forte, porque ele não só pensa o mundo, como alguém que vela solitariamente, mas sim o toca, o movimenta....o provoca para uma atitude.

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (Bosi, 2002b, p.169).

Portanto, desde a Guerra Civil Espanhola até a Revolução Chilena, Neruda não se calou, resistiu humanamente e simbolicamente aos discursos dominantes, um exemplo inspirador de intelectual que, mesmo tendo se decepcionado tantas vezes com os caminhos da política, jamais se calou. E sua voz que, no princípio era verbo, se tornou carne e habitou o seio do povo, que não abandonou a luta.

Como já ressaltamos desde o início deste texto, a intenção é de instigar a todos para uma reflexão: se o silêncio dos intelectuais é tanto que chega a fazer um “rumor incômodo”, por que não buscarmos pela memória (se esta não encurtou ainda mais) grandes espíritos que, repetindo as palavras de Novaes (2005), se dedicaram “ao trabalho da crítica e à luta pelos ideais universalizantes: razão, justiça, liberdade e felicidade”? Neste sentido, nosso objetivo maior foi o de refletir sobre Neruda como um intelectual diante do poder, suas ações e atitudes. Os acontecimentos históricos foram apresentados em rápidos “flashes” apenas para nos dar uma noção do contexto em que

as obras citadas, de Neruda, foram escritas. E além de refletir sobre este poeta-intelectual perante um poder dominante trouxemos esta reflexão de uma forma provocadora, também, para o nosso contexto atual: “minha vida é uma vida feita de todas as vidas” (NERUDA, 1980, p.7).

## **Referências Bibliográficas**

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

BOSI, A. **O ser e tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

LISPECTOR, C. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NERUDA, P. **Confesso que vivi**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

NERUDA, P. **Para nascer nasci**. São Paulo: Difel, 1980.

NERUDA, P. **Incitação ao nixoncídio e louvor da revolução chilena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

NOVAES, A. *Intelectuais em tempos de incerteza*. In: NOVAES, A. (org.) **O Silêncio dos Intelectuais**. Curitiba: SESC da Esquina, 2005.

SKÁRMETA, A. **Neruda por Skármeta**. Rio de Janeiro: Record, 2005.